

À capela

PATRÍCIA LAURETTI
patricia.lauretti@reitoria.unicamp.br

A renovação da liturgia proposta no Concílio Vaticano II, na década de 1960, simplificou as práticas da missa católica. A celebração passou a ser feita em língua nativa e não mais em latim. Desse modo, a música na igreja também se modificou. No lugar do coro e da orquestra, entraram voluntários com seus poucos instrumentos, aptos a entoar canções de louvor que pudessem ser cantadas por todos. Foi um passo adiante na tentativa de popularização dos ritos da Igreja Católica, mas, para a tradição da música sacra, uma grande perda. A avaliação é do pesquisador Clayton Júnior Dias em sua tese de doutorado defendida no Departamento de Música do Instituto de Artes (IA) da Unicamp. No estudo, ele resgata a produção de música sacra em Campinas de 1772 a 1870.

Neste período, a Igreja Católica contava com um compositor contratado, chamado de “mestre de capela”, uma função nomeada pelo bispo da diocese. Para o posto de Campinas, o contratado trazia um sobrenome que mais tarde seria reconhecido em todo o mundo. Era Manoel José Gomes, pai do compositor de *O Guarani*, Carlos Gomes. Foi o início das contribuições da família Gomes para a música sacra campineira. A tese recupera as obras sacras de Maneco Músico, como era conhecido Manoel José Gomes, e os dois filhos José Pedro de Sant’Anna Gomes e Carlos Gomes.

Clayton estudou a música feita para a liturgia na paróquia Nossa Senhora da Conceição, que por três vezes mudou de endereço. Para entender a história da música, era preciso conhecer a fundo a história da formação da Igreja. E não bastavam as informações da Cúria Metropolitana de Campinas, muito embora a tese traga, de acordo com Clayton, o primeiro estudo completo de três livros do tomo da paróquia, que são disponibilizados de maneira integral na versão digital do trabalho. Clayton foi mais longe e acabou indo parar nos Arquivos Secretos do Vaticano, em Roma, Itália.

IMERSO

Não é fácil fazer uma pesquisa nos documentos mais reservados da Igreja Católica. Além de Clayton, ele tem conhecimento de apenas um pesquisador de Campinas que também teve o acesso permitido. Foi a intimidade com a fé católica que abriu portas para o pesquisador. Ex-seminarista e atual diretor do Centro de Estudos de Música Sacra e Liturgia da Arquidiocese de Campinas (Cemulc), Clayton sempre esteve entre a religião e a ciência. Fez graduação, mestrado e doutorado em música na Unicamp. Cantor lírico e regente, no mestrado se ateu à obra sacra de José Maurício Nunes Garcia, padre e compositor da corte de Dom João VI.

Para entrar nos Arquivos Secretos, o pesquisador precisou de documentos de apresentação tanto da Arquidiocese de Campinas, como da Unicamp. Passou por uma entrevista e só então foi aprovado. Foram

dois meses de pesquisas nos documentos e um começo com o pé direito. “Meu primeiro dia no arquivo foi encantador. Peguei a primeira pasta do Brasil, vinha numa caixa com vários lacinhos, selos... Abro e o primeiro documento que vejo é uma cópia da carta de Pero Vaz de Caminha”.

Nos Arquivos Secretos, Clayton descobriu como a Igreja determinava que a música deveria ser feita pelos mestres de capela e quem eram os músicos responsáveis. Também pode confirmar a nomeação de bispos, padres, e leis mais gerais da Igreja. De acordo com ele, onde está hoje o túmulo de Carlos Gomes havia a primeira ermida, uma capelinha para Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, que depois deu origem a outra igreja, onde fica atualmente a basílica de Nossa Senhora do Carmo. Com o crescimento da cidade e a necessidade de uma igreja maior, a paróquia mudaria novamente de endereço, indo para onde foi construída a atual Catedral Metropolitana.

Com a história do início da igreja em mãos, ainda faltava saber detalhes da música executada. Clayton recorreu ao Museu Carlos Gomes, em Campinas. “Encontrei todas as músicas do Manoel José Gomes e de seus filhos José Pedro de Sant’Anna Gomes e Carlos Gomes”. As composições foram divididas por gêneros da música sacra.

FAMÍLIA GOMES

Maneco Músico, nascido em Santana do Parnaíba, veio para a então Vila de São Carlos para ser o mestre de capela da freguesia de Nossa Senhora da Conceição. Suas atribuições eram cuidar da música que acompanhava as cerimônias religiosas, preparar e reger a orquestra e o coro para as apresentações na igreja, ensinar música, compor peças musicais sacras, copiar músicas de outros autores e ainda contratar e pagar os músicos. “Em Santana do Parnaíba, onde nasceu, Manoel José Gomes era um menino cantor de coro, criado na escola do padre José Pedro de Moraes Lara (1746-1808), que também era um compositor. Possivelmente teve contato com André da Silva Gomes, mestre de capela da Catedral da Sé de São Paulo, com quem aprendeu música e aprendeu a copiar”.

A atividade de copista de Maneco Músico é exaltada pelos pesquisadores. “Na época só havia os manuscritos, portanto Manoel José Gomes preserva a música de André da Silva Gomes e também obras do padre José Maurício. Ele começa a trazer para a cidade a música mais refinada, a partir das cópias e de suas próprias composições”, ressalta. Maneco Músico foi o primeiro e único mestre de capela registrado em Campinas. A produção dele já havia sido catalogada pela professora da Unicamp Lenita Nogueira, porém não tinha sido feita ainda a separação por gêneros. Clayton classificou 62 peças sacras, divididas em antifonas, que são respostas cantadas aos salmos, missas, ladainhas, novenas, etc.

Foto: Antonio Scarpinetti

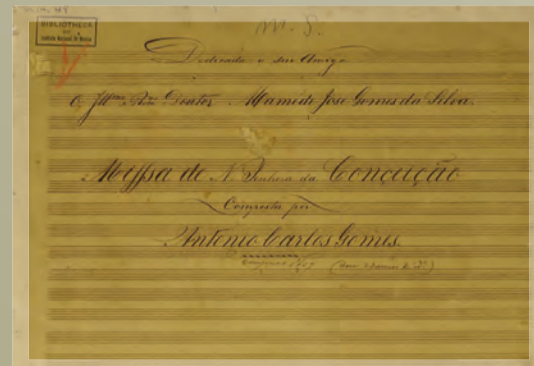


O pesquisador Clayton Júnior Dias, autor da tese: resgate da produção de música sacra em Campinas de 1772 a 1870

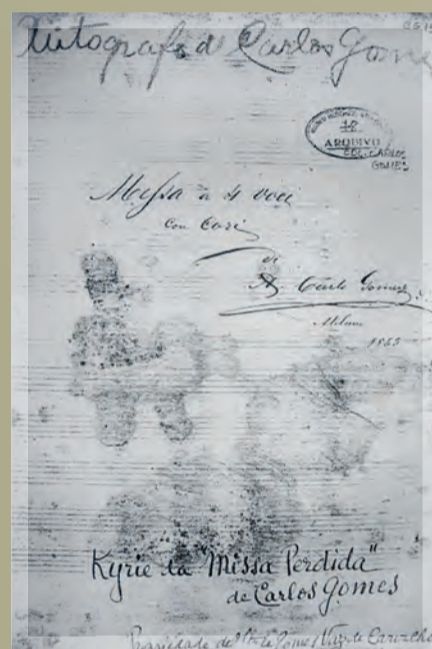


Partitura de “Tota Pulchra”, de Manuel José Gomes

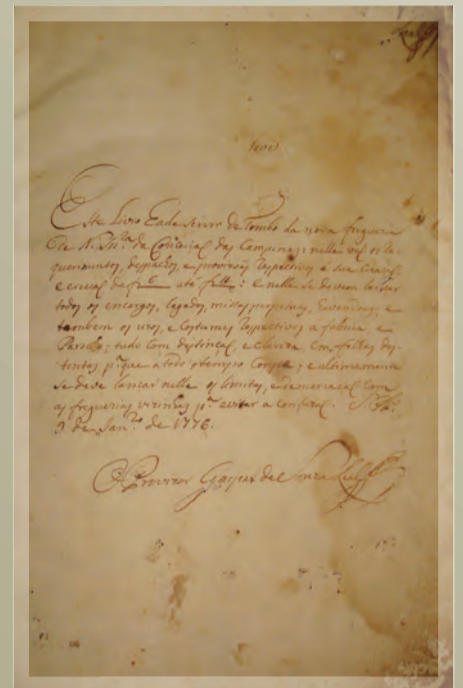
O pai de Carlos Gomes, Manoel José Gomes, o Maneco Músico, cujas obras sacras foram recuperadas pelo pesquisador



Termo de Abertura do Livro do Tombo nº 01 da Paróquia N. Sra. da Conceição



Frontispício do Kyrie da Missa Perdida, de Carlos Gomes



Frontispício da Missa Nossa Senhora da Conceição, de Carlos Gomes



Capela provisória, óleo sobre tela de Castro Mendes

Além de contribuir para um refinamento nas composições e para a preservação de obras sacras, Maneco Gomes criou os filhos no ambiente da música. “José Pedro chegou a exercer a função do pai, informalmente. Ele compõe músicas para a inauguração da Catedral de Campinas e no dia da inauguração da igreja é quem vai reger a orquestra e o coro”. Profissionalmente, José Pedro era regente do Teatro São Carlos, em Campinas. Autor de várias composições, ele tem apenas sete peças sacras que Clayton conseguiu levantar.

O que mais chamou a atenção nas peças de José Pedro foi o “ar operístico” que ele dava às composições sacras numa época em que a música de ópera era proibida na Igreja, de acordo com o pesquisador. “Havia uma sonoridade profana em texto sacro e nessa época nós temos um documento papal que proíbe música de ópera dentro da Igreja”, observa.

O autor da tese afirma que pesquisou jornais da época que registravam apresentações de cantoras líricas na liturgia, com solos que “arrebataavam os fiéis”. Segundo os jornais, surpreendentemente havia inclusive o pedido de bis. “Pedir um bis dentro de uma missa?”, questiona Clayton. Parece algo impensável. Uma das cantoras líricas do período foi Maria Monteiro, a mesma que empresta o nome a uma rua do bairro Cambuí, em Campinas, conforme o pesquisador apurou.

Depois de Maneco Gomes e José Pedro, o pesquisador foi procurar as obras sacras de Carlos Gomes. Duas missas, a de São Sebastião composta em 1857, e a de Nossa Senhora da Conceição, de 1859, já são conhecidas. “A Missa de São Sebastião tem uma história curiosa porque não havia nenhuma capela dedicada ao santo em Campinas e nenhum devoto ou alguém da família que tenha nascido no dia de São Sebastião. Acredito que ele fez esta missa porque já almejava sua ida para o Rio de Janeiro, cujo padroeiro é São Sebastião”, conta o pesquisador. As duas missas já foram executadas pela Orquestra Sinfônica de Campinas.

Além das missas, Clayton levantou dois solos: um *Laudamus Te* e outro *Gratias*. “Tem ainda o *Kyrie da missa perdida*, que foi feito quando Carlos Gomes foi para Milão estu-

dar música e precisou compor uma missa que não está em seus manuscritos, apenas esta parte foi encontrada pela filha dele que deu esse nome de *Kyrie da Missa Perdida*”. E também uma *Ave Maria*, já gravada várias vezes, duas antifonas e um *Canto de Verônica*, composição dedicada ao personagem bíblico comum do repertório sacro.

MÚSICA VIVA

No mesmo púlpito onde Maria Monteiro possivelmente cantava, na Catedral de Campinas, a professora Adriana Kayama, docente do curso de Música da Unicamp, na última Sexta-Feira Santa, entou o *Canto de Verônica* de José Pedro, em um trabalho de recriação das obras sacras da família Gomes proposto pela Arquidiocese de Campinas. Foi durante a reinauguração do Museu de Arte Sacra.

Como responsável do Centro de Estudos, Clayton procura dar continuidade ao trabalho que o arcebispo Dom Bruno Gamberini, morto em 2011, começou. “Em Campinas estamos tentando fazer um resgate. Dom Bruno era músico regente e entendia a beleza da música como forma de evangelização, então propôs a criação de um coro e do Centro”.

Desde 2007 já se formaram mais de 2 mil pessoas. “Temos um coro profissional da Arquidiocese (Coro da Arquidiocese de Campinas) e cantamos com orquestra em grandes solenidades”. Este ano o coro tem viagem prevista em outubro para Itália, Portugal e Roma. Devem cantar para o Papa Francisco.

Publicação

Tese: “Música Sacra em Campinas de 1772 a 1870: levantamento histórico e contribuição da família Gomes”

Autor: Clayton Júnior Dias

Orientadora: Adriana Giarola Kayama

Unidade: Instituto de Artes (IA)